



A fonte dos pardais

Era uma vez uma fonte à beira da estrada. Os pardais das árvores vizinhas tinham ali o seu ponto de encontro.

Matavam a sede, tomavam banho, chilreavam uns com os outros.

De semana a semana, vinha um homem, sempre de automóvel, buscar água à fonte. Enchia uma quantidade de garrações de plástico e, depois, abalava.

Nessas alturas, a pardalada fugia para o poiso das árvores e ficava a observar.

— O que é que ele vai fazer com tanta água? — intrigava-se um pardalito novo.

— Deve ir regar as couves — sugeria um pardal.

— Para regar as couves é pouca — replicava uma velha pardoca, muito conhecedora da vida.

— Então é para ele beber — propunha outro pardal.

— Para ele beber é muita — replicava a velha pardoca.

— Para o que será? — perguntava o pardalito, sem que ninguém soubesse responder-lhe.

Decidiu investigar. Voou atrás do automóvel, mas como ainda tinha as asas com pouca força e a estrada era às curvas e contra-curvas, perdeu-lhe o rasto. E perdeu-se.

Esvoaçou ao calhas, até descer sobre um telheiro, junto à estrada. No telheiro havia melões à venda e cebolas e batatas e garrações de vinho. Alto lá! E também havia garrações de água, tal e qual os que o homem do automóvel enchia, na fonte dos pardais.

Se o pardal soubesse ler, leria no rótulo dos garrações:

“ÁGUA DA FONTE DA SAÚDE - Graças a ela, os novos crescem e os velhos não encolhem”.

Aos saltinhos, diante dos garrafões, o pardalito admirava a fotografia do rótulo. Lá estava a fonte, centro da sua vida, e uns passarinhos a beber água no rebordo do tanque. Vendo bem, aquele mais pequeno, à direita, podia ser ele, o pardalito aventureiro.

Muito orgulhoso da sua descoberta, o pardal voou muito alto, tão alto que, lá de cima, viu o telheiro dos garrafões, a estrada às curvas e a fonte da Saúde ou dos pardais, donde ele viera.

Disparou em direcção ao ponto de partida e muito excitado piou para os companheiros:

— Já sei o segredo dos garrafões. O homem anda a vender o nosso retrato mais o retrato da nossa fonte.

— E a água para que serve? — perguntou um companheiro.

— Para segurar o nosso retrato — respondeu, prontamente, o pardalito.

António Torrado
www.historiadodia.pt